



VISAGISMO E ESTÉTICA POLÍTICA: PERCEPÇÕES SOCIAIS PARA UMA CONSULTORIA DE IMAGEM EQUITATIVA

Visagism and Political Aesthetics: Social Perceptions for Equitable Image Consulting

Brandão, Luciana da Silva; Mestranda; Universidade de São Paulo, brandaoluciana@usp.br¹

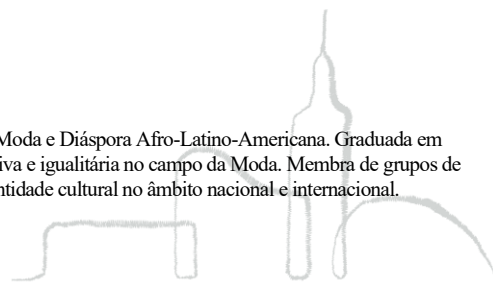
Resumo: O presente artigo investiga como a estética do corpo se consolida como prática de resistência política e reconstrução da memória em contextos marcados por desigualdades raciais, de gênero e pela colonialidade. Analisa-se, a partir de Pablo Fernández Christlieb, Grada Kilomba e Jacques Rancière, como a estética atua para além do belo, como linguagem insurgente que ressignifica identidades, ativa memórias coletivas e tensiona estruturas hegemônicas. A metodologia envolve revisão de literatura e observação de contextos midiáticos, evidenciando práticas visuais e corporais de sujeitos marginalizados que fortalecem vínculos comunitários, ampliam a consciência histórica. Ao politizar o sensível, tais práticas demonstram o potencial transformador do visagismo e da estética política na construção de horizontes equitativos baseados em reparação histórica e valorização de saberes silenciados.

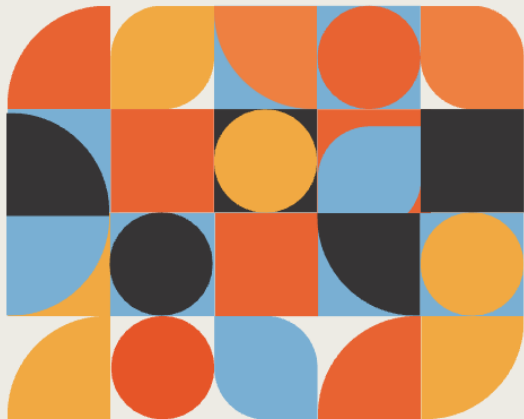
Palavras chave: Visagismo; estética política; memória do corpo.

Abstract: This article investigates how body aesthetics is consolidated as a practice of political resistance and memory reconstruction in contexts marked by racial, gender, and colonial inequalities. Based on Pablo Fernández Christlieb, Grada Kilomba, and Jacques Rancière, it analyzes how aesthetics operates beyond the notion of beauty, as an insurgent language that re-signifies identities, activates collective memories, and challenges hegemonic structures. The methodology involves a literature review and the observation of media contexts, highlighting visual and bodily practices of marginalized subjects that strengthen community bonds, expand historical awareness. By politicizing the sensible, such practices demonstrate the transformative potential of visagism and political aesthetics in building equitable horizons grounded in historical reparation and the valorization of silenced knowledge.

Keywords: Visagism; political aesthetics; body memory.

¹ Mestranda em Estudos Culturais na Universidade de São Paulo- SP e pesquisadora das relações entre Estética Política, Moda e Diáspora Afro-Latino-Americana. Graduada em Visagismo, atua como docente, palestrante e consultora, utilizando a estética política como ferramenta etnológica, equitativa e igualitária no campo da Moda. Membro de grupos de pesquisa CNPQ, GEPSIPOLIN e Reescrevendo o Século XXI, integrando projetos que unem visagismo, memória e identidade cultural no âmbito nacional e internacional.





Introdução

O presente artigo investiga como a estética do corpo se consolida como prática de resistência política e de reconstrução da memória em contextos marcados por desigualdades raciais, de gênero e pela colonialidade. A moda, a publicidade e a mídia têm desempenhado papéis importantes na construção de estereótipos que naturalizam hierarquias sociais, reforçando padrões de beleza eurocêntricos e promovendo a mercantilização cultural (Lipovetsky, 1987, p. 45; Barthers, 2009, p. 112). Em contrapartida, práticas estéticas protagonizadas por sujeitos historicamente marginalizados emergem como linguagens insurgentes capazes de ressignificar identidades, ativar memórias coletivas e tensionar estruturas hegemônicas.

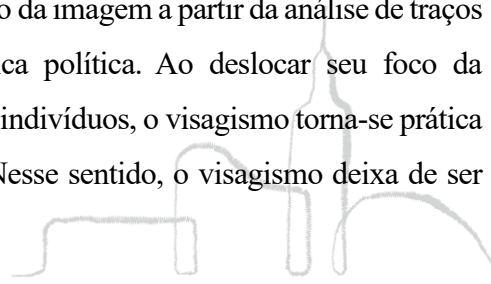
Neste sentido, a articulação entre visagismo, memória e estética política revela-se fundamental para compreender como o corpo, para além de sua dimensão biológica, é também território político e afetivo (Kilomba, 2019, p. 76; Carneiro, 2005, p. 89). A partir dos aportes teóricos de Pablo Fernández Christlieb, Jacques Rancière e Grada Kilomba, analisa-se como a estética se converte em campo político, promovendo a redistribuição do que é visível, audível e pensável.

É preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível. Porque o rosto de um é o reflexo do outro. O corpo de um é o reflexo do outro e cada um o reflexo de todos os corpos. A invisibilidade está na raiz da perda da identidade. (Nascimento, 2006, p. 66)

Metodologicamente, este estudo estrutura-se em revisão bibliográfica e observação de contextos mediáticos contemporâneos, adotando uma perspectiva interpretativa que busca revelar como práticas corporais e visuais contribuem para a valorização de saberes silenciados, o fortalecimento de vínculos comunitários e a ampliação da consciência histórica, colaborando para um atendimento visagista equitativo.

Visagismo e estética política

O visagismo, historicamente concebido como técnica de harmonização da imagem a partir da análise de traços fenotípicos, pode ser ressignificado quando compreendido à luz da estética política. Ao deslocar seu foco da padronização eurocentrada para a valorização da singularidade etnográfica dos indivíduos, o visagismo torna-se prática insurgente capaz de promover reconhecimento identitário e justiça estética. Nesse sentido, o visagismo deixa de ser





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

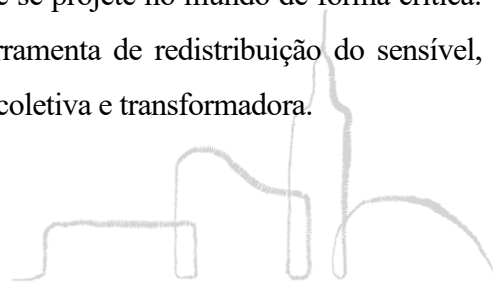
compreendido como um serviço restrito à estética individualizada e passa a configurar-se como um atendimento humanizado, fundamentado na escuta ativa e na valorização da singularidade de cada sujeito. Trata-se de uma prática que não busca enquadrar corpos em padrões preestabelecidos, mas, ao contrário, reconhece as narrativas pessoais, a memória e a ancestralidade como elementos constitutivos da imagem.

Assim, a consultoria de imagem torna-se um espaço de construção coletiva, no qual os afetos, as histórias e os saberes silenciados ganham visibilidade, fortalecendo a autoestima e promovendo uma estética política comprometida com a justiça social e com a diversidade de modos de existir. Uma consultoria de imagem equitativa parte do pressuposto de que o corpo não é neutro, mas território marcado por relações de poder, narrativas de opressão e de resistência (Kilomba, 2019; Carneiro, 2005). Diferente da consultoria tradicional, que muitas vezes reproduz estereótipos de gênero, raça e classe, a consultoria equitativa busca escutar as histórias corporais e respeitar as memórias inscritas na aparência. Esse processo envolve reconhecer não apenas a dimensão estética, mas também a política da imagem.

Podemos observar três pontos importantes para uma consultoria equitativa:

1. Escuta ativa e fenomenológica – O atendimento inicia-se com a escuta das experiências estéticas vividas pelo sujeito, suas dores, resistências e percepções sociais, valorizando a experiência como ponto de partida para a construção de autonomia.
2. Reconhecimento das narrativas visuais – Em seguida, realiza-se uma análise iconológica do repertório de imagens que atravessam a vida do sujeito: desde padrões midiáticos até referências ancestrais, ao repensar a partilha do sensível e propor novas formas de redistribuir o visível.
3. Desenvolvendo a consultoria da imagem equitativa – Propõe-se uma configuração imagética que não se limita a escolhas de estilo ou maquiagem, mas que resgata referências culturais, valoriza traços identitários e reconhece o corpo como território de resistência. Nessa etapa, elementos da moda afro-brasileira, do uso de tecidos, penteados e heranças ancestrais podem ser incorporados como afirmações políticas estéticas.

Assim, a consultoria de imagem equitativa atua como prática pedagógica e política: não apenas cuida da aparência externa, mas possibilita que o sujeito se reconheça em sua história e se projete no mundo de forma crítica. Nesse horizonte, o visagismo insurgente alia-se à estética política como ferramenta de redistribuição do sensível, revelando que a construção da imagem não é mero ato individual, mas prática coletiva e transformadora.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Práticas visuais e corporais de resistência

A história da estética ocidental é, em grande medida, a história do apagamento. O corpo negro, em especial o corpo feminino, foi reiteradamente sequestrado de sua agência e colocado à disposição de olhares coloniais que o reduziram ao exótico e ao servil. Contra esse regime de visibilidade que produz ausências, emergem práticas visuais e corporais que reivindicam não apenas a presença, mas a potência de existir. É nesse lugar de insurgência que se inscrevem os movimentos estéticos de resistência, nos quais a arte, a moda e o próprio corpo se tornam espaços de memória, denúncia e partilha de identidades.

O Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento nos anos 1940, foi um dos primeiros projetos estéticos-políticos a desafiar o imaginário brasileiro. Ao ocupar o palco com atores negros como protagonistas, o movimento não apenas rompeu com a invisibilização, mas instaurou uma estética que reivindicava dignidade e respeito. Décadas depois, o movimento Black is Beautiful, surgido nos Estados Unidos nos anos 1960, ressoou globalmente ao afirmar que a beleza negra não era apenas aceitável, mas profundamente política e que sua presença sempre esteve entre os polos. O cabelo crespo, os traços afrodescendentes, as roupas inspiradas na ancestralidade tornaram-se sinônimos de identidade e resistência (Hall, 2011, p. 56).

Figura 1: Musa paradisíaca por Rosana Paulino, 2018



Fonte: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/events/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/2025>





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Na contemporaneidade, artistas como Rosana Paulino aprofundam esse gesto insurgente ao reconfigurar visualmente as narrativas coloniais. Sua obra *Musa Paradisiaca* (2018, Figura 1) é exemplar nesse sentido: Paulino revisita ilustrações botânicas e científicas do período colonial que transformavam mulheres negras em objetos de estudo, desprovidos de subjetividade. Ao reapresentar essas imagens em colagens e composições críticas, a artista reinscreve o corpo negro como território de memória e resistência, devolvendo-lhe uma dignidade que foi sistematicamente negada (Carneiro, 2005, p. 42).

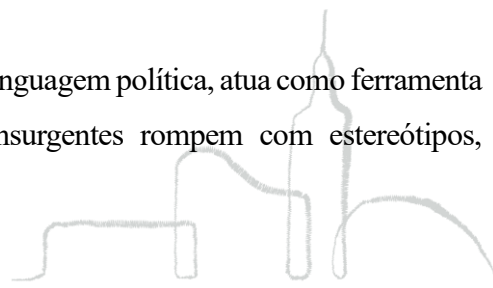
Essas práticas visuais insurgentes dialogam diretamente com a noção de estética política de Jacques Rancière, ao reorganizarem a partilha do sensível — ou seja, ao redefinirem quem pode ser visto, ouvido e reconhecido (Rancière, 2009, p. 23). Ao mesmo tempo, aproximam-se da leitura de Grada Kilomba, que entende o corpo negro como portador de memórias traumáticas, mas também como lugar de cura e reinvenção (Kilomba, 2019, p. 78). O gesto de Paulino, tal como os movimentos estéticos afrodiaspóricos, atua nesse duplo registro: denuncia a violência e cria fissuras para o futuro.

Aqui, o diálogo com o visagismo etnográfico e a consultoria de imagem equitativa torna-se evidente. Tal como a arte de Paulino, a prática do visagismo crítico desvia o olhar: não mais enquadrar o corpo em padrões normativos, mas reconhecer sua história, suas marcas e sua singularidade como fontes de beleza e potência. A consultoria de imagem, ao assumir esse horizonte, transforma-se em ferramenta pedagógica e libertadora, que não rotula corpos para se adequarem ao mercado, mas reconstrói imagens a partir de memórias e afetos coletivos.

Assim, as práticas visuais e corporais de resistência — do palco às ruas, dos movimentos sociais às galerias de arte — revelam que estética e política são inseparáveis. O corpo não é neutro: é território de poder, dor, memória e futuro. Ao politizar o sensível, essas práticas não apenas denunciam, mas também anunciam mundos possíveis onde o belo não se submete à normatividade, mas floresce como insurgência, como memória viva e como horizonte ancestral.

Considerações Finais

A análise demonstra que a estética do corpo, quando mobilizada como linguagem política, atua como ferramenta de resistência e reconstrução da memória. Práticas visuais e corporais insurgentes rompem com estereótipos,





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

reconstruam identidades e ampliam as possibilidades de consultoria de imagem, abrindo caminhos para futuros equitativos.

O visagismo, ao ser articulado à estética política, adquire potencial transformador, tornando-se prática que não apenas cuida da imagem, mas também reconstrói formas de existir, narrar e ocupar espaços. Assim, a estética deixa de ser mera questão de gosto ou beleza para se consolidar como campo de disputa política e social, em que a memória e a justiça histórica são permanentemente reconfiguradas.

Referências:

BARTHES, Roland. **Sistema Da Moda**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2009.

BRANDÃO, Luciana: a problemática do racismo estrutural na indústria da beleza e da moda. *Revista Visagismo*. n. 10, p. 7-9, 2022.

Disponível em: <<https://www.calameo.com/books/007415422d6ef33942e10>>. Acesso em 08/05/2025.

BRANDÃO, Luciana: autoestima e consciência de marca: O papel das empresas na promoção da diversidade. *Revista Visagismo*.

Disponível em: <<https://www.calameo.com/read/0074154228e53094fd0a2>>. Acesso em 08/05/2025.

CHRISTLIEB, P. Fernández. **El Espíritu de la Calle: Psicología Política de la cultura cotidiana**. México: Anthropos; 2024.

CHRISTLIEB, P. Fernández: la psicología política como estética social. *Revista Interamericana de Psicología*, n. 37(2), p. 253-266, 2003.

Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3054758>>. Acesso em 08/05/2025.

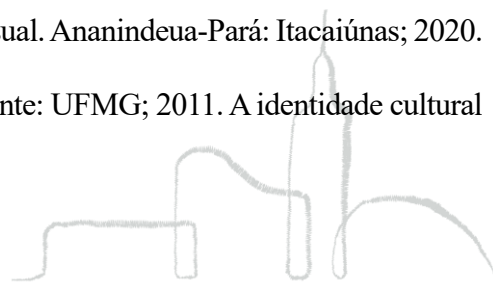
CHRISTLIEB, P. Fernández: political psychology as social aesthetics. *Blackwell Publishers*. n. 22, p. 357–366, 2001.

Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3791932>>. Acesso em: 08/05/2025.

NASCIMENTO, Beatriz. In: RATTIS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kuanza, 2006.

RITTER, Fabio. **Visagismo acadêmico no século XXI**. Parte 1 Linguagem Visual. Ananindeua-Pará: Itacaiúnas; 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; 2011. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A; 2006.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2017.

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero: A Moda e seu Destino nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Companhia das Letras; 1987.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo; 1867. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo; 2011.

NORA, P; AUN, Khoury; T. Y: entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, p. 2012.
Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>>. Acesso em: 08/05/2025.

SIMMEL, G. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Texto & Grafia; 2014.

CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser: por uma epistemologia da diferença. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001465832>>. Acesso em 05/05/2025.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas estéticas: a partilha do sensível**. São Paulo: Edições 34; 2009.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. Petrópolis: Vozes, 1992.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes; 2001.

